

QUANDO A ARTE DESVELA A EXISTÊNCIA : UMA APROXIMAÇÃO DE FUNDAMENTOS DA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL COM A TEMÁTICA DO FILME “VIVER”

*Ana Maria de Melo Ribeiro – QUAVISSS / UNESP- Franca-sp.

*Ana Cecília Faleiros de Pádua Ferreira - Instituto Agostiniano de Filosofia - Franca-sp

Resumo

Esse trabalho representa uma tentativa de aproximação de alguns conceitos que fundamentam a Psicoterapia Existencial, com questões tratadas no filme “VIVER”, de Akira Kurosawa. Nesse enredo, através da história do protagonista, são abordados alguns aspectos da existência que remetem a conceitos tais como *existência autêntica e existência inautêntica, existência impessoal, angústia vital, ser-para-a-morte, sentido de vida, reconhecimento* etc.

No desenrolar do trabalho e na elaboração do presente texto procuramos discorrer brevemente sobre estes conceitos de forma a facilitar o procedimento de uma pequena análise de algumas cenas e de alguns episódios do filme e, também, com a finalidade de, simultaneamente, apresentar algum conteúdo teórico.

Palavras-chave : arte, cinema, psicoterapia existencial

Abstract

This work describes an approach trying of some concepts that are the basis of the existential psychotherapy, with some questions debated in the film “Living”, by Akira Kurosawa. In this plot, through the history of the protagonist, some aspects of the being are approached that send us to concepts such as : authentic existence and unauthentic existence, impersonal existence, vital anguish, being for the death, living sense, recognition etc.

In the development of this work and in the working out, we discuss briefly about this concepts in order to improve the procedure of a little analyses of some scenes and some plots from the film and, also, simultaneously, to present a theory concept.

INTRODUÇÃO

Definir o conceito de arte parece ser uma tarefa bastante difícil, uma vez que ele incorpora diversas acepções todas elas relacionadas com o fazer humano.

A definição mais abrangente deriva do sentido etimológico da palavra arte, que vem do latina *ars*, que significa “técnica” ou “habilidade”. Ou seja, diz respeito ao produto ou ao processo em que o conhecimento é usado para realizar determinadas habilidades.

Entretanto, o sentido mais moderno de arte se refere à atividade artística ou ao produto da atividade artística que, em última instância é resultado final da manipulação humana sobre uma matéria-prima qualquer. Entretanto, a criação, diferentemente de outras formas de manipulação, evoca a vivência e a interpretação sensorial, emocional e intelectual da vida em todos os seus aspectos. Talvez seja em função dessa especificidade da criação artística que Feitosa (2004, p 128) afirma que “a arte pode estar, às vezes, muito mais preparada do que a ciência para captar o devir e a fluidez do mundo, pois o artista não quer manipular, mas sim ‘habitar’ as coisas”. Nessa mesma direção se coloca a afirmação de Gallo (2002, p 87), segundo a qual “no fenômeno artístico, percebemos a verdadeira natureza da realidade; a arte é a condição de um princípio ontológico do ser, é a chave que nos permite o acesso à essência do mundo, é o caminho mais original e autêntico de compreensão da realidade (...) a arte é o centro da vida, e é a partir dela que deciframos o mundo. É somente com os olhos da arte que o homem consegue apreender a sua essência do mundo, pois ela se manifesta de forma artística”.

O cinema, denominado a “sétima arte”, é considerado uma das mais completas expressões artísticas porque reúne em si a interpretação, a literatura, o som, a imagem e a fotografia, resultando numa química perfeita capaz de dominar e manipular nossas emoções e nos conduzir a profundas reflexões. Isso ocorre certamente em função daquilo a que se refere Alain (apud COMTE-SPONVILLE, 2002, p 103) quando afirma que “todas as artes são como espelhos em que o homem conhece e reconhece algo de si mesmo que ignorava”.

Evidentemente existem filmes que não têm propósito algum a não ser o de recuperarem o investimento feito, enquanto outros, pelo menos, servem para divertir o expectador ou retirá-lo, por algum tempo, de seus problemas cotidianos. Há aqueles, porém, e é a estes que nos reportamos, que pedem uma reflexão sobre a experiência do expectador, representada não apenas pela sua apreensão da história tal como ela aparece aos outros, ou seja, na sua forma objetiva, mas, sobretudo, na maneira subjetiva como ele a apreende.

É exatamente isso que provoca o filme “Viver”, cujo enredo leva o expectador a, inevitavelmente, sentir nas próprias entranhas a trama de vivências que o compõem.

Foi essa experiência, enquanto expectadoras, que nos instigou a, enquanto psicoterapeutas existenciais, tentarmos uma aproximação entre conceitos que fundamentam a Psicoterapia Existencial com algumas questões vivenciadas pelo protagonista do filme.

1 FICHA TÉCNICA DO FILME

TÍTULO:	“VIVER” (IKIRU)
DIRETOR:	AKIRA KUROSAWA
ROTEIRO:	SHINOBU HASHIMOTO/ IDEO OGUNI/ A. KUROSAWA
FOTOGRAFIA:	ASAKAZU NAKAI
DIRETOR DE ARTE:	SO MATSUYAMA
MÚSICA:	FUMIO HAYASAKA
PRODUÇÃO:	SHOJIRO MOTOKI
ANO DE PRODUÇÃO:	1952

Comentários:

“Obra prima de Akira Kurosawa (Kagemusha, Sete Samurais, Ran, Dersu Ugala), consagrado como um dos melhores filmes de todos os tempos.

Com uma narrativa envolvente e emotiva conta a história de um burocrata insensível a todos os acontecimentos externos à sua rotina diária. Ao descobrir que possui uma doença incurável, dedica seus esforços e economias para construir um *play-ground* em seu bairro. Para tal, vê-se obrigado a desengavetar o projeto de construção, brigar com sua família e superiores que o julgam enlouquecido.”

“O melhor filme de A. Kurosawa, ao mesmo tempo um painel do Japão nos anos 50”.
(Georges Sadoul)

2 BREVE ANÁLISE DE ALGUMAS CENAS E DE ALGUNS EPISÓDIOS

A “QUEDA” – EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA

“Este é o personagem principal da nossa história. Mas seria monótono falar sobre ele agora porque ele está só preenchendo o tempo. Está só sendo levado pela vida. Na realidade ele mal está vivo....Ele é igual a um cadáver. Realmente é, de uns 25 anos para cá. Antes tinha vida, tentava até mesmo trabalhar. Mas agora não tem nem determinação nem iniciativa. A repartição pública e o serviço público o mataram. Ocupado. Muito ocupado! Mas ele realmente está fazendo muito pouco. Sua presença é só para aquecer a cadeira. No seu mundo não fazer nada é o melhor para se ter posição. Mas está tudo certo....haverão muitas horas fúteis, muitos ataques estomacais antes que comece a crer que está havendo algo com ele”

A fala inicial do filme, por si só, permite entrever a monotonia e o tédio que caracterizam a vida do personagem. A passividade diante de tudo e de todos, a insensibilidade, o desinteresse, a desmotivação, a falta de objetivos, o desânimo, denotam um absoluto distanciamento de si, parecendo configurar o que Heidegger chama de *existência inautêntica*.

A ontologia heideggeriana defende que, para a compreensão do ser, há que se partir de uma visão do homem em sua totalidade, visão essa que se inicia pela angústia. Essa deve ser entendida como “a expressão do sentimento mais profundo do *Dasein*, aquele que é o princípio e fonte de todos os demais (vontade, ânsia, desejo, inclinação, impulso) que, porém, permanece velado e oculto sob as aparências do cuidado” (JOLIVET apud GIORDANI, 1976, p.121).

Refletindo acerca da essência da angústia, Boss (1988) afirma que o *do que* de cada angústia é sempre um ataque lesivo à possibilidade do estar-aí (*dasein*) humano. No fundo, cada angústia teme a extinção deste, ou seja, a possibilidade de um dia não estar mais aqui. Por outro lado, o *pelo que* da angústia humana é, por isto, o próprio estar-aí na medida em que ela sempre se preocupa e zela só pela duração deste. Por esta razão, as pessoas que mais temem a morte são sempre as mesmas que mais têm medo da vida, pois para elas viver é o que desgasta e põe em perigo o estar-aí.

Para Kierkegaard (apud BECKER, 1973, p 80), a angústia é fruto da auto-consciência humana que propicia ao homem ser consciente de sua própria morte e deterioração. O caráter humano, por conseguinte, não é senão uma estrutura erguida para evitar a percepção do “terror, perdição e aniquilamento que são vizinhos de todo homem”.

A angústia é, portanto, uma característica ontológica, enraizada na existência, que representa a experiência da ameaça iminente de não-ser. Ela é o estado subjetivo da conscientização por parte do indivíduo de que sua existência pode ser destruída, de que ele pode perder o próprio ser e seu mundo, que ele pode transformar-se em nada.

Entretanto, a angústia é um fenômeno que raramente se faz sentir porque o homem cotidiano foge continuamente de si mesmo, ou seja, da sua angústia. A esta fuga de si mesmo Heidegger chama de decadência (*verfallen*), *caída* ou *decaimento*, ocorrência que se dá pela absorção do homem pelo mundo. É nestas condições que se diz que o homem cai numa *existência inautêntica* (*Uneigentlichkeit*), tornando-se um impessoal, o *se* (*das man*). “*Este se (se hace, se dice..) no es nadie en concreto ni tampoco todos los hombres juntos. Sus rasgos característicos consisten en que procura la mediania y posee una tendencia a la nivelacion*” (BOCHENSKI apud GIORDANI, 1976, p 138).

Este sujeito cotidiano, “decaído” é o “a gente”, não o “eu”, “eu mesmo”. No seu dia a dia ele se comporta como todos os demais ou como qualquer outro. “A *gente*” não permite exceções, não tem segredos e suas possibilidades seguem caminhos bem fixos. “A *gente*” pode responder por tudo porque ninguém é responsável por qualquer coisa” (HEIDEGGER apud GIORDANI, 1976, p 127).

O tipo de trabalho desempenhado pelo personagem, ao longo de 30 anos, retrata e compõe com perfeição este projeto de existência inautêntica. É no marasmo e na ineficiência de uma repartição pública, onde ninguém tem autonomia para nada nem motivação ou interesse de resolver coisa alguma, que ele passa grande parte de sua vida, num modo de existir estéril e sem sentido. Ali os funcionários fazem de conta que trabalham e o público faz de conta que é atendido.

Na fala do narrador a responsabilidade por esta existência vazia recai sobre o serviço público: “*a repartição pública e o serviço público o mataram*”. Contudo, parece pertinente considerar a hipótese de que a escolha por este trabalho, ou pelo menos a sua manutenção, possa ter sido intencionalmente buscada. A monotonia e o tédio, que caracterizam este tipo de trabalho, poderiam estar sendo utilizados como uma tentativa de conter o devir, já que dão uma falsa impressão de paralização do tempo. Na ilusão de poder conter o tempo, conseqüentemente ele tem a fantasia de que evita a atualização daquela que é a mais extrema possibilidade da sua existência: a morte.

Esta idéia fundamenta-se na hipótese de que, por ocasião da perda da esposa, o personagem possa ter experimentado de forma intensa a angústia do ser-para-a-morte. Em algum momento de sua infância, ao viver uma experiência de quase afogamento, se viu colocado frente a frente com a possibilidade da própria morte o que certamente o levou a uma

terrível angústia, mobilizada, agora, pela perda da esposa. Conforme, destaca Erthal (1989), embora ninguém possa sentir a morte do outro como sendo sua, ela inevitavelmente indica que, se aconteceu com o outro, irá acontecer consigo próprio. Parafraseando Santo Agostinho, a autora afirma que o sobreviver é, na verdade, um sub-viver já que, ao perder alguém, perde-se parte de si mesmo e, com isso, olha-se inevitavelmente para a possibilidade do próprio fim.

Sub-viver, portanto, parece ter sido a opção do Sr. Watanabe, nome do nosso personagem. Não é difícil supor a intensidade da angústia sentida por ele frente à morte da esposa e a conseqüente necessidade de defesas contra ela mais eficazes do que as que construíra até então. De fato, quanto mais intenso e direto o confronto com a possibilidade do não-ser, tanto maior precisa ser a eficácia da defesa. Daí quem sabe a necessidade do mergulho e da permanência *na decadência, na queda, no decaimento*.

Embora a existência inautêntica não seja um estado de exceção, mas de fato o estado habitual do *Dasein*, no caso específico desse personagem parece ter sido uma opção definitiva e permanente. Conforme descreve Erthal (1989, p 148), “(...) temendo a confrontação com o extermínio total, o indivíduo refugia-se na existência inautêntica. O homem se deixa, assim, observar pelo que os outros determinam, pelas regras gerais, fugindo da sua possibilidade própria de existir. Desprovido de individualidade, desconhece o seu próprio pensar sobre as coisas do mundo. Mistura-se à multidão como uma das formas de fugir da angústia, que para Heidegger é a fuga da própria morte.”

Existindo desta maneira, o homem consegue fugir da angústia que nunca é determinada em si mesma, porque o angustiante não se acha propriamente em nenhum lugar, estando, todavia, presente em todo lugar e o tempo todo. Se por um lado ela diz respeito ao fato do homem se defrontar com a inevitável constatação de seu *ser-atirado-no-desterro*, constatação esta proveniente do seu não se sentir em casa, por outro lado toda angústia é angústia de morte já que a vida é destinada à morte e esta não é um fato externo que ocorre com o homem mas é intrínseca à vida, de tal forma que o ser do homem pode ser chamado de *ser-para-a-morte*.

O “*a gente*”, contudo, não desconhece a questão da morte. Trata dela, porém, de uma forma peculiar, como, por exemplo, como falecimento, um fato social. É como se fosse um acontecimento que atinge o homem de fora : “a gente morre” quer dizer não que eu morro, mas que *alguém* morre, ou seja, *ninguém*, especificamente. Nas palavras de Heidegger (apud LUIJPEN, 1973), “ (...) a cotidianidade é a cobertura da morte como extrema possibilidade própria”.

A EXPERIÊNCIA DE UMA SITUAÇÃO-LIMITE E A CULPA EXISTENCIAL

É existindo desse modo que o Sr. Watanabe vê o tempo se arrastar, até que descobre estar com câncer : “*ter câncer é como receber uma sentença de morte...*”, ele diz. De fato, restam-lhe meses de vida. À perplexidade segue-se profunda angústia que não mais pode ser evitada. Vivencia agora uma situação-limite que o remete, irremediavelmente, à iminência de concretização de sua possibilidade última.

Conforme pontua Yalon (1996), o homem sabe sobre a morte, ou seja, ele a conhece intelectualmente, porque a porção inconsciente da sua mente, para protegê-lo da intolerável ansiedade que esse saber provoca, dissocia da morte o terror que a ela está naturalmente associado. Todavia, esse processo dissociativo, inconsciente e invisível, algumas vezes se revela nos episódios em que o mecanismo de negação falha e a ansiedade de morte, então, irrompe com força. Isso ocorre, de maneira exemplar, no contato pessoal com a morte ou quando alguma pessoa amada morre.

De volta ao personagem, ele, desorientado então pela doença que o acomete, sequer consegue participar alguém sobre o próprio infortúnio. Descobre-se só com sua dor. Existe enorme distância entre ele e o filho, só percebida agora, em meio à angústia. Constata não ter criado vínculo nem com as pessoas nem com vida, E não o fez porque, de fato, para que se estabeleçam plenamente relações com o outro, é pré-condição o assumir-se, o diferenciar-se, o ser si-mesmo.

Na decadência, conforme ressalta Dartigues (1992) o homem se fecha à revelação do mundo-como-tal e do seu ser-no-mundo como tal, a fim de perder-se no “cuidar” (*Besorgen*) de

um mundo determinado e particular, em que se sente em casa, embora à custa do legítimo significado de seu *ser ele mesmo*. Entregue aos seus pequenos cuidados, o “eu” do *Dasein* pode se aprofundar no “se” impessoal e assim deixar de atingir sua verdade própria.

Esse parece ter sido o destino do personagem em questão. Perdido na impessoalidade distanciou-se de si, de suas necessidades, de seus desejos, de suas potencialidades porque o “a gente” é um ser alienado de si mesmo e da sua mais própria possibilidade porquanto se interessa, tão somente, pela certeza de que *ainda vive*.

É interessante notar que a escolha de abrir mão de si mesmo encontra, pelo personagem, uma justificativa, perceptível na fala de um colega : “*Você diz que não vai mais se casar por causa de Mitsuo (o filho). Espere até ele crescer. Ele não se sentirá agradecido como você pensa. É por isso que você deveria procurar uma esposa. Minha mulher diz que uma pessoa sentimental como você nunca deve permanecer viúva...*” / *Sempre o considere um passivo admirador das mulheres...*”. Na impessoalidade ele se afastou de si, das suas necessidades mais legítimas, mormente as afetivas, encontrando uma justificativa para isso de modo a minimizar a própria culpa. Percebe, agora, o grande malogro.

Existindo nestas condições Watanabe desenvolveu uma rigidez na sua maneira de pensar, agir e sentir, rigidez esta passível de ser notada no seu cotidiano: (“...ultimamente não come nem macarrão...nunca o vi comer outra coisa a não ser macarrão no almoço...”) (...) (“...até há alguns dias nunca havia gasto dinheiro com bebidas...estou tomando este sakê caro como protesto à minha vida até hoje!”) (...) (“...permaneceu viúvo por 20 anos...”) (...) (“*Chefe! Era você mesmo! Seu chapéu era novo e fiquei em dúvida!*”).

Sobre a questão da rigidez May (1980, p. 341) afirma que “ (...) o pensamento rígido pode dar segurança temporária, mas à custa da perda das possibilidades de descoberta de novas verdades, da exclusão de novas aprendizagens e do embotamento da capacidade de adaptação a novas situações”.

Em meio à angústia Watanabe rompe com a rotina, se ausenta do trabalho e sai, sem destino, pela noite, pela vida. Encontra um estranho com o qual partilha sobre a própria angústia: “...é difícil morrer. Simplesmente não posso morrer...não entendo o sentido de todos estes meus anos...”. O significado implícito nestas palavras está contido na afirmativa de Erthal (1989, p. 147) para quem “a conscientização da morte apenas esclarece o indivíduo sobre coisas que ele faz, sem saber muitas vezes o porquê (...) o desespero com a morte aparece apenas quando não há mais tempo para tentar outra vida. É como se sentisse que nada se fez e que agora não há mais tempo para realizações”.

A RESSIGNIFICAÇÃO

Em outras palavras, o lamento do personagem revela a tremenda culpa resultante da constatação de não ter vivido plenamente até então. A não aceitação da morte é sempre proporcional à anulação que a pessoa tenha feito de si mesmo e à negligência cometida contra si e contra as próprias possibilidades. Isso fica claro particularmente quando ele ouve a canção que diz:

*“A vida é tão curta. Apaixone-se querida enquanto seus lábios tem cor
e antes que não exista mais paixão. Pois não haverá o amanhã.
A vida é tão curta. Apaixone-se querida, enquanto seus cabelos são negros
e antes que o fogo do amor se apague....”*

Nesse momento em que, chorando, ele ouve e balbucia a letra desta música, é impressionante a angústia que ele sente frente à inexorabilidade do perdido, do não vivido a que lhe remete o conteúdo dessas palavras.

Mais à frente, ao declarar a um estranho o desejo de viver momentos que até então não experimentara, (“... tenho 50 mil yens que gostaria de gastar em horas agradáveis...”), Watanabe faz uma tentativa de reparação do não vivido, na esperança de que isso aplaque um pouco a sua culpa. Perambula com o estranho pela noite e experimenta sensações as mais variadas e inusitadas sem contudo que isso lhe baste ou alivie sua angústia.

Há uma fala deste outro personagem, de importância fundamental: “...o infortúnio também tem o seu lado bom. O homem encontra a verdade no infortúnio. O fato de estar com câncer abre seus olhos para a vida... Os homens são tão tolos. Só cremos na beleza da vida quando estamos frente a frente com a morte. E mesmo assim tais pessoas são raras. Alguns morrem sem saber o que é a vida... O Sr. está se rebelando contra isso. O Sr. foi um escravo da vida. Agora está tentando se engrandecer. O dever do homem é diversificar a vida. A ganância pela vida é uma virtude... atuei com prazer como Mefistófoles, esta noite vamos nos disfarçar para a sua vida perdida...”. Efetivamente o interlocutor de Watanabe se impressiona com a atitude deste em relação à iminência da própria morte, com a sua reação e com o desejo de recuperar o tempo perdido: “Ele tem câncer no estômago. Você morreria no momento que lhe dissessem isso. Mas ele é diferente. Foi aí que começou a viver.”

É disso que fala Yalon (1980) quando afirma que confrontos com a morte possibilitam profundas mudanças pessoais. A sua experiência com a prática clínica lhe tem mostrado que ninguém vivencia uma situação extrema de quase-morte sem ressignificar a própria vida. Usa, no seu trabalho, a obra *Guerra e Paz*, de Tolstói para ilustrar como a morte pode provocar uma mudança pessoal radical. Pierre, o protagonista, sente-se enfraquecido pela falta de sentido e pelo vazio da vida da aristocracia russa. Alma perdida, ele vaga, hesitante, pelas primeiras novecentas páginas do romance, buscando um propósito de vida. O ponto crucial do livro, segundo Yalon, acontece quando Pierre é capturado pelas tropas de Napoleão e condenado à morte por fuzilamento. Sexto da fila, ele vê a execução dos cinco homens à sua frente e se prepara para a morte, mas, no último momento, sua execução é inesperadamente suspensa. A experiência transforma Pierre que passa as trezentas páginas restantes do romance vivendo sua vida de forma prazerosa e significativa. Ele se torna capaz de se entregar completamente em suas relações com o outro, de estar consciente do meio à sua volta, de descobrir um objetivo na vida que tivesse significado para ele e de dedicar-se a ele.

Para Yalon (1980), o reconhecimento da morte contribui com o senso de urgência da vida, proporciona uma mudança radical na perspectiva de vida e pode transformar o indivíduo de um modo de vida caracterizado por diversões, tranquilidade e ansiedade banais para outro modo mais autêntico.

De volta ao filme, num dado momento Watanabe encontra uma funcionária da sua própria sessão: “Chefe! É você mesmo! Seu chapéu era novo e fiquei em dúvida!”. Watanabe quase não é reconhecido pela moça por estar de chapéu novo! Na verdade seu chapéu (sempre o mesmo) e seu carimbo (*preciso do carimbo dele!*), quando Watanabe se ausentava da repartição, era o que fazia falta aos colegas, porquanto era no que se resumia a sua presença.

Nesse encontro, porém, Watanabe consegue se envolver com ela, entrar no seu mundo e lhe abrir o seu. No discurso da moça ele reconhece o vazio, o tédio e a esterilidade do que vivera durante todos os anos naquela repartição: “... por que vai deixar o emprego?”, pergunta ele. “...me cansa. Um ano e meio e nada de novo acontece a não ser a sua ausência e o chapéu novo!... 30 anos naquele lugar! Dá arrepios só de pensar!”. Ele responde: “...não consigo me lembrar o que fiz naquela repartição. Tudo o que lembro é trabalho e monotonia.”

Ao longo da conversa, Watanabe fica fascinado pela espontaneidade, franqueza, autenticidade e vivacidade daquela jovem que lhe remete ao inverso do que ele próprio é. Ela diz o que pensa e exige isso dele. Em muitos momentos ela lhe mostra que ele próprio fez a escolha por aquele projeto de vida e aponta-lhe a responsabilidade por isso: “... não pode culpar o filho por isso. Ele não lhe pediu par tornar-se múmia...”. Num dado momento relembram a piada que tempos atrás ela contara e sobre a qual ele, na oportunidade, não manifestara nenhuma reação:

“-Você nunca tirou folga, não é?”

-“Não. Por que? É indispensável?”

-“Não.”

-“Não quero que descubram que podem trabalhar sem mim!”

Hoje ele é capaz de compreender-lhe o significado pois percebe que nenhuma falta faz no trabalho. Há dias se ausenta dele e, definitivamente, apenas o seu carimbo faz falta.

Impressiona a necessidade que, nesse momento, Watanabe tem da presença da moça, como se dela pudesse sugar vida. Este fato a incomoda e ela questiona sobre isso. Ele, então,

conta-lhe sobre o câncer dizendo: “...quando descobri (que estava com câncer) encontrei-a”, numa clara analogia com o “encontrar a vida”. Fala-lhe da angústia que a doença lhe causa e a compara com uma experiência vivenciada na infância: “...quando criança quase me afoguei. Exatamente aquela sensação. A escuridão está em toda a parte. Luto para agarrar-me a algo. Encontro só você ... não tenho filho. Estou completamente só. Meu filho está distante, assim como meus pais estavam longe quando eu me afogava. É doloroso pensar nisso...”. Nesse momento ele parece falar da solidão que constitui a sua existência, particularmente agora, quando vivencia a iminência de morrer.

Com o passar dos dias Watanabe tenta identificar o que, exatamente, naquela moça o atrai, que significado tem para ele a sua presença: “...você é tão bondosa. Não, é porque você é jovem e cheia de saúde. Não, não é isso também! Sua energia me dá forças. Preenche-me e dá inveja. Gostaria de viver como você ... só por um dia, antes de morrer. Não serei capaz de morrer sem fazê-lo. Em outras palavras, quero fazer algo. Mas não sei o que fazer. Só você pode mostrar-me!”. Ela, então, lhe fala sobre o trabalho na repartição, questiona o caráter alienante daquele serviço e sugere que ele vá em busca de outra atividade. Pede-lhe, na verdade, que se arrisque em outras escolhas.

Com efeito, não é possível ressignificar a vida senão através da coragem de se arriscar, de abandonar a ilusória segurança que a impessoalidade dá e de ir em busca da própria singularidade se transformando num “eu”, conquistando o si-próprio. Ressignifica-se a vida assumindo-se como pessoa, sabendo o que se quer, o que se sente, o que se pensa, tendo objetivos definidos e valores próprios.

Frente a este desafio, num primeiro momento Watanabe se fecha ao risco argumentando: “É tarde demais! ”. Entretanto, como sói acontecer, vítima da perda de si no “a gente”, o homem possui momentos privilegiados em que lhe fala a voz de sua consciência num chamado a seu mais próprio *poder-ser-ele-mesmo*, às suas possibilidades autênticas. A esse respeito, Luijpen (1973), afirma que “ a resposta adequada à voz da consciência é a *resolução* (*Entschlossenheit*), com a qual o homem, como um *eu mesmo*, assume a nulidade de seu ser-lançado-no-mundo, projetando-se num angustioso silêncio rumo ao nada de sua morte”. Aceita conscientemente seu próprio ser, elege a si mesmo e vence o impessoal, o imperialismo do “se”.

Esta decisão é a lealdade suprema do *Dasein* consigo mesmo: é a liberdade para a morte. Na decisão o homem passa da inautenticidade à autenticidade, toma sobre si sua própria sorte e empreende resolutivo seu caminho (*Eigenlichkeit*) (KLIMKE-COLOMBER, apud GIORDANI, 1976).

Em determinado momento Watanabe tem este insight: “Nada é tarde demais! Nada é impossível! Posso fazer algo se estiver determinado a fazê-lo!”. A partir de então ele começa a caminhar com as próprias pernas, ou seja, se desliga daquela moça com quem uma relação de fusão parecia lhe dar alimento que lhe garantisse vida e encontra nele próprio força, motivação, meta, coragem e vitalidade necessárias para ir em busca da sua realização. É interessante a forma como é apresentado este momento no filme: uma mesma cena mostra um homem perplexo diante da descoberta de si mesmo e, simultaneamente, a comemoração de um aniversário. Cena simbólica que retrata um grande paradoxo: prestes a morrer Watanabe está nascendo para a vida. Como afirma Yalon (1980), apesar do aspecto físico da morte destruir o homem, a idéia da morte o salva.

É a existência autêntica se contrapondo à inautenticidade num arrancar-se aos cuidados cotidianos, ao universo tranqüilizante que dissimula o *Dasein* ao seu mistério. Os pequenos cuidados que desviavam o nosso personagem se desvanecem e, então, aparece o *Cuidado* (*Sorge*) .

Watanabe sai da impessoalidade e passa a se orientar por um novo projeto. Sai do comum e da monotonia. “Arregaça as mangas” e parte para novas vivências inclusive, e principalmente, no trabalho: retoma a “Petição para reclamação da área de canalização”, apresentada pela Associação das Senhoras de Kureo-cho, até então engavetada, e parte para a construção de um parque.

A TRANSCENDÊNCIA

É importante considerar que assumindo-se percebendo-se como ser-para-a-morte o homem torna-se lúcido e livre, desembaraçado da sedução dos interesses imediatos e do anonimato do “se”. Como resultado, a resposta autêntica a essa consciência do ser-para-a-morte é a “espera”, que não significa abandonar a relação com as coisas e o convívio com as pessoas, como num movimento de rendição apática mas, pelo contrário, significa plenificar a vida posto que, conforme afirma Heidegger, somente através do contato com a morte que o ser pode compreender-se em sua totalidade (Erthal, 1989).

Com Watanabe foi assim. Passado o primeiro impacto, consegue transcender a angústia da iminência da própria morte e se ocupar de outras coisas, antes nem mesmo consideradas. Ocupa-se, por exemplo, em admirar o pôr-do-sol. Não que não haja mais angústia mas, agora, ela é propulsora e não mais paralizadora.

Chama a atenção a observação feita pelo guarda que encontra o cadáver enregelado de Watanabe no parque: “...ele parecia alegre. Como posso dizer...estava cantando tristemente, numa voz que me comoveu...”. No momento de sua morte ele cantava a mesma música que há um tempo atrás o deixara aniquilado pela angústia. Nessa hora, porém, parece que ele apenas “esperava”...

Entre as considerações que Boss (1988) faz com relação à superação da angústia, está a de que o contra-poder à angústia também parece pertencer à vida humana, poder este que se manifesta nos fenômenos do amor, da confiança e do estar-abrigado. Não se trata, portanto, de coragem posto que esta só se faz presente onde ainda domina a angústia. Se não há angústia a ser superada não é preciso coragem. Esta serve para enfrentar a angústia, o que é diferente de superá-la. Contudo, onde reinam o amor, o estar-abrigado e a confiança, toda angústia pode desaparecer.

“O que sabemos sobre as pessoas que morrem?”, pergunta Viorst (1988, p. 325). “Não muito”, continua, “embora muitos digam que as realizações durante a vida facilitam a morte, que as pessoas que conseguiram o que desejavam morrem mais satisfeitas do que as que não alcançaram seus objetivos. O filósofo Walter Kaufmann, afirmando que a satisfação pelo que realizamos na vida ‘faz toda a diferença no modo como enfrentamos a morte’, ilustra seu argumento com o poema de Friedrich Holderlin:

Um único verão me seja concedido, grandes poderes,
e um único outono para a canção completamente madura.
Que saciado com a doçura da minha música,
possa meu coração contente morrer.
A alma que, em vida, não alcançou seu divino
direito não pode repousar no outro mundo.
Mas uma vez minha tarefa, o que é sagrado,
minha poesia, esteja terminada.
Seja bem-vinda então, imobilidade do mundo das sombras;
Estarei satisfeito embora minha lira não
me acompanhe na descida. Uma vez eu
vivi com os deuses, e mais não preciso.

Kaufmann argumenta que, se alcançamos – em face da morte, na corrida com a morte – um projeto que seja unicamente nosso e real, nosso “coração mais contente pode morrer”, porque teremos, de certo modo, triunfado contra a morte.”

Para Eissler (apud VIORST, 1988, p. 327) “... a consciência de cada passo que aproxima da morte, a experiência inconsciente da própria morte, até o último segundo que permite conhecimento e consciência, seria o triunfo maior da vida individual. Seria considerado como o único modo pelo qual um homem devia morrer se a individualidade fosse aceita realmente como a única forma adequada de se viver e se a vida em todas as suas manifestações fosse integrada, incluindo naturalmente a morte e toda a tristeza do fim do caminho”.

O RECONHECIMENTO

A transformação de Watanabe, nos seus últimos meses, surpreendeu e incomodou aqueles que o cercavam. A vivência dele lhes revelava a sua própria realidade e quando da sua morte intensificaram-se mais ainda seus questionamentos a esse respeito. Não lhes foi possível ficar indiferentes com a morte daquele com quem conviveram e partilharam, durante tanto tempo, de uma mesma forma de existir. A morte dele remetia-os, irremediavelmente, à sua própria e a vivência da angústia foi inevitável: “...um dia morreremos também! ...comparados a Watanabe somos lixo humano...vivemos perdendo tempo precioso. O povo reclama da corrupção da cidade mas nada se compara à nossa tremenda perda de tempo”.

No entanto, é interessante perceber que essa sensibilização dura pouco tempo e o retorno a si mesmos não se mantém. A auto-conscientização sobre o vazio e a esterilidade de suas vidas é efêmera. De volta ao cotidiano retornam à impessoalidade.

Quanto a Watanabe, nesse pouco tempo em que teve resgatada a sua autenticidade, ele conquistou a sua identidade, a sua própria singularidade. Deixou de ser um anônimo e valorizou-se para além de um simples carimbo. Ele conquistou, na verdade, o reconhecimento manifestado não apenas na reação dos colegas de trabalho mas, principalmente, na gratidão e no carinho dos moradores de Kureo-cho. Afinal Watanabe realizara para eles uma grande obra.

A este respeito, Araújo ([s.d.]), afirma que o que está por trás de uma “obra” deixada por alguém não é propriamente o horror da morte em si, mas o horror do anonimato, a perspectiva insuportável de morrer desconhecido. Em outros termos, a “dor do tempo” é o pressentimento de que ele passe sem deixar a sua marca no mundo. Esse desejo de deixar a própria marca na história, desejo de reconhecimento que garantiria a sua imortalidade, é o fundamento daquilo a que se chama *sobrevivência simbólica* - a pessoa sobrevivendo através de algo que a significa, que a substitui.

Visto sob esta perspectiva, Watanabe se imortalizou.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse enredo, como foi possível observar, é capaz de evidenciar os conceitos de existência autêntica e inautêntica, a questão do ser impessoal, na interface com a angústia frente à morte.

Ele mostra a que nível de empobrecimento pode chegar uma existência quando, frente à angústia, a pessoa se distancia de si mesma, de seus desejos e de suas necessidades, se abandona à impessoalidade e aborta as próprias possibilidades. Nessas condições uma pessoa recebe, da vida, tão somente migalhas, e vivência, na sua existência, um contínuo vazio e permanente ausência de sentido.

Diante disso, às vezes é preciso a vivência de uma experiência limite, ou de alguma condição extrema para que o homem, capaz de elaborar e transcender a angústia, possa ressignificar a própria existência.

Entretanto, não negar e acolher a verdade de que se é um ser para a morte já é um caminho para a sua superação, por mais absurdo que seja o morrer, como reflete Ernest Becker (apud VIORST, 1988):

“uma pessoa passa anos formando-se como indivíduo, desenvolvendo seu talento, seus dons singulares, aperfeiçoando suas discriminações do mundo, ampliando e aprimorando seu apetite, aprendendo a suportar os desapontamentos da vida, amadurecendo, refinando-se, até chegar a ser finalmente uma criatura única na natureza, com dignidade e nobreza, transcendendo a condição animal: não mais agindo por impulso, não mais só um reflexo, não feita em qualquer outro molde. E então a verdadeira tragédia....: são necessários sessenta anos de esforços e sofrimentos incríveis para se fazer esse indivíduo, e então ele só serve para morrer”.

4 BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, J.N. de. Considerações sobre o tempo na filosofia. Belo Horizonte, PUC-MG, [s.d.].

COMTE-SPONVILLE, A. Apresentação da filosofia. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DARTIGUES, A. O que é fenomenologia? Trad. Maria José J. G. de Almeida. 3ª. ed. São Paulo: Moraes, 1992

ERTHAL, T. C. S. Terapia Vivencial. Uma abordagem existencial em psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 1991.

FEITOSA, C. Explicando a filosofia com arte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GALLO, S. Coord. Ética e cidadania: caminhos da filosofia. Campinas: Papirus, 1997.

GIORDANI, M. C. Iniciação ao existencialismo. Petrópolis: Vozes, 1976.

LUIJPEN, W. Introdução à fenomenologia existencial. Trad. Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: E.P.U., 1973.

MAY, R. A descoberta do ser. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. O significado da ansiedade. As causas da integração e desintegração da personalidade. Rio de Janeiro.: Zahar, 1980.

WAHL, J. As filosofias da existência. Lisboa: Europa- América, [s.d.]

YALON, Irvin D. *Existencial Psychotherapy*. New York: Basic Books, 1980.

VIORST, J. *Perdas Necessárias*. 15. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

Ana Maria de Melo Ribeiro - E-mail : melo-ribeiro@uol.com.br / anam.melo@bol.com.br
Ana Cecília F. de P. Ferreira – E-mail : ccicca@terra.com.br